

## **A observação do céu e a criação de poesia**

*"La observación del cielo y la creación de poesía".*

**Ma. Thays Ukan Pereira <sup>1</sup>**

### **Resumo**

A poesia é uma das formas de arte mais antigas de que se tem registro. Entre todos os escritos da humanidade, os primeiros são poemas de Enheduana, princesa do império Acádio, que viveu durante o século XXIII a. C.. Suas poesias eram dedicadas a Inana, deusa do céu e da terra, figura feminina associada ao amor e à fertilidade que brilhava no céu nos fins de tarde ou nos inícios das manhãs, a depender do ciclo: Inana é o planeta Vênus. Mas são diversas as culturas que produziram textos poéticos partindo da observação do céu. Podemos nos lembrar dos Maias com o Popol Vuh, dos indianos com os vedas, dos Gathas de Zoroastro, a Epopeia de Gilgamesh, a Ilíada de Homero, Eneida de Virgílio, astronômicas de Marcus Manilius, exemplos de textos poéticos antigos que foram escritos a partir de uma profunda relação, observação e conhecimento do céu. Mais contemporâneos podemos mencionar Matsuo Bashō e seus escritos sobre a Lua e Fernando Pessoa, poeta português e também astrólogo. Essa relação entre a poesia e o céu está possivelmente ligada à capacidade humana de associar as formas do mundo e de unir o céu e a terra através das similitudes. As similitudes são aquilo que torna possível unir, novamente, o que foi separado pela distância e pela matéria. Neste trabalho, proponho uma reflexão a partir da teoria das assinaturas e das similitudes, para pensar sobre o processo de criação de poesias e como a observação do céu e sua tradução são constitutivos e fundamentais nas práticas poéticas de várias e vários poetas. Nesse sentido, a poesia é compreendida, neste trabalho, nos termos de Giorgio Agamben: como a linguagem própria daqueles que fazem magia e que, enquanto um gesto, é capaz de destituir a linguagem da sua operação habitual: a operação de comunicabilidade.

Palavras-Chave: poesia; gesto; ciência; astrologia; criação

### **Resumen**

La poesía es una de las formas de arte más antiguas de las que se tiene registro. Entre todos los escritos de la humanidad, los primeros son poemas de Enheduana, princesa del imperio Acadio, que vivió durante el siglo XXIII a.C. Sus poesías estaban dedicadas a Inana, diosa del cielo y la tierra, figura femenina asociada al amor y la fertilidad, que brillaba en el cielo al atardecer o al amanecer, dependiendo del ciclo: Inana es el planeta Venus. Sin embargo, son diversas las culturas que produjeron textos poéticos a partir de la observación del cielo. Podemos recordar a los mayas con el Popol Vuh, a los indios con los Vedas, a los Gathas de Zoroastro, la Epopeya de Gilgamesh, la Ilíada de Homero, la Eneida de Virgilio, las obras astronómicas de Manilio, que son algunos ejemplos de textos poéticos antiguos escritos a partir de una profunda relación, observación y conocimiento del cielo. Entre los autores más contemporáneos podemos mencionar a Matsuo Bashō y sus escritos sobre la Luna, y a Fernando Pessoa, poeta portugués y también astrólogo. Esta relación entre la poesía y el cielo posiblemente está vinculada a la capacidad humana de asociar las formas del mundo y de unir el cielo y la tierra a través de las similitudes. Las similitudes son lo que hace posible volver a unir aquello que fue separado por la distancia y la materia. En este trabajo, propongo una reflexión a partir de la teoría de las firmas y las similitudes para reflexionar sobre el proceso de creación poética y cómo la observación del cielo y su traducción son constitutivas y fundamentales en las prácticas poéticas de varios poetas. En este sentido, la poesía es

---

<sup>1</sup> (Mestra em Geografia pela Universidade Federal do Paraná; Curitiba, Paraná, Brasil; [thaysukan@gmail.com](mailto:thaysukan@gmail.com)).

compreendida en este trabajo en los términos de Giorgio Agamben: como el lenguaje propio de aquellos que hacen magia y que, como un gesto, es capaz de despojar el lenguaje de su operación habitual: la operación de comunicabilidad.

Palabras clave: poesía; gesto; ciencia; astrología; creación

## 1. Introdução

Existe um sentido de mistério na literatura, um mistério que cabe na língua e que, entre muito, pode ser encontrado na justa relação entre a tradução do céu e a criação de poesia. No início do texto “Teoria das assinaturas”, Giorgio Agamben (2019) retomou Paracelso e a ideia de que “todas as coisas trazem um signo que manifesta e revela as suas qualidades invisíveis” (p. 45), ou seja, todas as coisas do mundo são assinadas, encontram correspondência e, por meio delas, tudo o que está escondido é encontrado. O autor lembrou que, para Paracelso, são três os assinadores: nós, humanos; o arqueu (*Archeus*), que é o princípio vital; e as estrelas (*Astra*); mas lembrou também que anterior à assinatura impressa nas coisas, há uma *Kunst Signata*, o paradigma de todas as assinaturas: a língua. Escreveu que é na língua que está guardada toda a coleção de semelhanças.

Essa capacidade de associar as formas do mundo e de unir novamente o Céu e Terra é o que Foucault (2007) chamou de similitude. O autor atribuiu quatro formas às similitudes: *convenientia*, *aemulatio*, analogia e simpatia. As similitudes, escreveu Foucault (2007, p. 28), “voltam a unir as formas que foram separadas pelo peso da matéria e pela distância dos lugares” e trazem novamente para os nossos olhos os luminares do céu: o Sol e a Lua.

Assim, por similitude, carregamos o firmamento no corpo, e nos sete orifícios da nossa cabeça encontramos os sete planetas do céu. De acordo com o astrólogo persa Al-Biruni [1029 (1934)] o ouvido direito fica com Saturno, o esquerdo fica com Júpiter; a narina direita pertence ao Marte, a esquerda à Vênus; a boca e a língua são de Mercúrio; e os olhos, como te escrevi há pouco, são dos luminares, ficando o esquerdo com a Lua e o direito com o Sol. A partir disso, dessa relação de espelhamento, podemos compreender que assinatura e assinado se conectam através da semelhança: “as sementes de romã e os pinhões que têm forma de dentes, aliviam as dores de dentes” (Agamben, 2019, p. 50). Artemis, uma das deusas associadas à Lua, esse luminar que caminha um ciclo mensal e que encontra correspondência com todos os fluidos – da água ao sangue e seiva –, dá nome também a Artemísia, planta medicinal muito utilizada para o tratamento de cólicas e menstruações irregulares: “O que está no alto, é como o que está embaixo e o que está embaixo, é como o que está no alto”, escreveu Hermes Trismegisto e canta Jorge Ben Jor.

A assinatura não manifesta a virtude das coisas ocultas, como aparenta fazer, ela é, antes, o operador decisivo do conhecimento, aquilo que torna inteligível o mundo, um mundo mudo e sem razão; e, é nesse lugar que a teoria das assinaturas vive um paradoxo: ela é inseparável do signo, mas não se deixa reduzir nele e, mais, o torna capaz e eficaz de ação (Agamben, 2019).

Compreender a língua como assinatura nos faz restituir a palavra ao seu lugar próprio de mistério e magia. Giorgio Agamben (2007) escreveu que, entre todas as formas da palavra, a poesia é a linguagem própria dos que fazem magia, uma vez que o mago é aquele que evoca as palavras, os nomes secretos das coisas que são, na realidade, “o gesto com o qual a criatura é restituída ao inexpresso. Em última instância, a magia não é conhecimento dos nomes, mas gesto, desvio em relação ao nome” (p. 22), de modo que a poesia pode ser compreendida

como uma maneira de destituir a linguagem da sua operação habitual: a operação de comunicabilidade, sendo deslocada para essa, a esfera do gesto.

## 2. O céu e a poesia

Poesia, do termo grego *poiesis*, significa “criar”. Possivelmente por isso, a poesia seja uma das formas de arte mais antigas, estando presente entre os primeiros registros de muitas culturas letradas. Enheduana, nascida no império Acádio, situado na Mesopotâmia durante o séc. XXIII a. C., foi a “Suma Sacerdotisa do templo de Ur dedicado ao deus Nana, conhecido como Sîn ou Suen, entre os povos semíticos, um deus lunar que consta entre os mais importantes do panteão” (Scandolara, 2022, p. 16). Princesa filha do rei Sargão da Acádia, considerada a primeira escritora do mundo tendo textos atribuídos a sua autoria, superando Homero e Moisés com vários séculos de vantagem, Enheduana é considerada a primeira autora e poeta conhecida da história, com registros de poemas escritos há mais de 4 mil anos. Suas poesias eram dedicadas à deusa Inana, senhora das mulheres, *bēlet iššī*, associada ao amor, ao erotismo, à fecundidade e à fertilidade (Scandolara, 2022). Inana é a rainha do céu e da terra, aquela que reconhecemos quando olhamos para o céu, hoje, como o planeta Vênus.

Enheduana foi a primeira entre muitas e muitos poetas que viram palavras no céu. Hoje, são diversas as distrações, mas imagine você viver sob um céu imenso, sem prédios que recortam o horizonte e luzes artificiais que iluminam as ruas e inebriam o céu. Imagine, você, que houve dias em que os humanos encontravam com as estrelas cotidianamente, sabiam os seus nomes, os seus humores e temperamentos. Olhar para o céu era como conversar e ler o que jamais havia sido escrito: olhar para o céu era – e sempre será – sobre encarar de frente o espaço e o tempo, incompreensíveis, com luzes que estão a milhares de anos-luz de distância e que trazem um híbrido, sem nome, porque não há tempo verbal que dê conta desse momento que condensa passado-presente-futuro.

É certo que entre todas as coisas que os olhos de quem vive na Terra podem ver, as estrelas e os reflexos são os mais distantes. Quando Foucault (2007) comentou sobre as similitudes, deu a *aemulatio*, ou à emulação, a dádiva da distância, rompendo com a semelhança ligada ao espaço da vizinhança, da aproximação, carregado pela *convenientia*. Nas emulações há algo como um reflexo, um espelho, “o rosto é o êmulo do céu” (Foucault, 2007, p. 26) e as coisas dispersas pelo mundo, através da emulação, podem encontrar correspondência: olhar para o céu é como olhar para um espelho, para o nosso próprio reflexo.

Olhando para o céu nos reconhecemos e localizamos: olhando para o céu desbravamos mares e terras, nos orientamos. Se a relação entre Terra e Céu é de espelhamento, podemos prever cada passo, todos os movimentos. Ocorre que desde a modernidade o desenvolvimento da racionalidade e humanismo ético e estético, envolvem o pensamento ocidental. Para Araóz (2010), com o início da modernidade passamos a tratar a natureza desde uma oposição entre sujeito e objeto. Essa raiz ontológica e epistêmica tem configurado toda a nossa noção de humano e de realidade e nos faz olhar para o mundo contrapondo as sociedades civis e as sociedades naturais, nos distanciando da natureza e a suprimindo, estabelecendo uma ruptura entre corpo, mente e mundo (Ukan, 2024).

Houve um momento em que astronomia e astrologia não se diferenciavam. Claudius Ptolomeu, considerado um dos primeiros geógrafos da humanidade, escreveu tratados sobre astronomia e astrologia. Esse conhecimento que hoje é visto como um passatempo fútil e inadequado, foi fundamental para o desenvolvimento das teorias astronômicas de Kepler. A

astrologia não se trata de crença, ela é, antes, um sistema complexo de correspondência, leitura e tradução. Portanto, a astrologia não existe naturalmente no mundo porque passa pelo paradigma das assinaturas: a língua. O zodíaco é um sistema simbólico, projetado na eclíptica da Terra, é uma organização orientada pelo sol, desenvolvida por aqueles que viveram antes de nós e observaram o céu. A maior parte de nós, hoje, esqueceu os nomes e os temperamentos desses que antes eram tão próximos mas, ainda assim, talvez te acometa um certo tipo de nostalgia quando o encontro acontece e você se admire com a beleza da Lua emoldurada pela paisagem da cidade, ou por uma brilhante Vênus abrindo a noite. Você sente falta do sol nos dias de chuva?

Olhar para o céu como quem lê um texto que precisa ser traduzido foi o que muitas e muitos poetas fizeram. Virgílio, Homero, Matsuo Bashō, Fernando Pessoa, Enheduana, Marcus Manilius, Safo, Hilda Hilst, José Saramago, são alguns nomes, de muitos outros, que fizeram magia com as palavras. Para Giorgio Agamben (2018), a criação é aquilo que libera uma potência interna ao próprio ato, assim como a resistência: nos termos do filósofo, a potência e a resistência são partes constitutivas da criação e, a poesia, que vem de *poiesis* – que é a própria criação –, é aquilo que se realiza pela potência de dizer. A poesia, nos termos do autor, é a operação na linguagem que torna inoperantes as suas funções de comunicabilidade, abrindo-a e tornando possível ali um novo uso.

Escrever poesia é falar por gestos: “a justiça é sem nome, assim como a magia. Livre de nome, bem aventurada, a criatura bate à porta da aldeia dos magos, onde só se fala por gestos” (Agamben, 2007, p. 22). A tradução mais fidedigna do céu, se dá na poesia.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O fogo e o relato**: *ensaios sobre criação, escrita, arte e livros*. Trad. Andrea Santurbano e Patricia Peterle. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018

\_\_\_\_\_. **Profanações**. Trad. Selvino José Assmann. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2007.

\_\_\_\_\_. **Signatura rerum**: *sobre o método*. Trad. Andrea Santurbano e Patricia Peterle. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019

AL-BIRUNI. **The Book of Instruction in the Elements of the Art of Astrology**. Trad. R. Ramsay Wright, 1934 [1029 d.C]

ENHEDUANA. **Inana**: *antes da poesia ser palavras era mulher*. Trad. Guilherme Gontijo Flores e Adriano Scandolara. São Paulo: sobinfluência edições, 2022.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: *uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007

UKAN, Thays. **Com pressa não se chega a lugar nenhum; com calma também não**: *arte e geografia ao encontro do gesto*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná. Curitiba. p. 97. 2024